

humanitas



Vol. LXIII
2011

de Vercingetorix, tema popular que ao longo dos anos já ocupou uma multidão de historiógrafos. O autor focou-se no caso francês, mas é claro que a questão remete para os diversos nacionalismos europeus, e saltam à vista paralelos óbvios, como o “Belga” Ambiorix, o “Alemão” Hermann / Armínio, a “Britânica” Boudica, o “Romeno” Decébalos, e por aí fora, para não mencionar o próprio Viriato e a sua no mínimo complicada, leia-se inexistente, relação com a identidade portuguesa. Um apropriado final do livro consiste numa homenagem a um dos grandes historiadores do Império tardio: a opinião de Amiano Marcelino sobre a figura de Juliano é explorada por Margarida Maria de Carvalho e Pedro Paulo Abreu Funari.

Um comentário sobre o trabalho de outrem implica introspecção e, em consequência, a lembrança de algumas publicações próprias menos conseguidas. A alternativa às falhas seria nunca fazer absolutamente nada, e assim passar despercebido, isento de críticas mas também de produção. O livro em apreço tem altos e baixos, e mesmo estes revelam trabalho de investigação árduo. Se tiverem de ser referidos alguns pontos menores nesta colectânea, não se apontaria um texto em particular, destacando-se porém nalguns deles uma visão muito simples, quase caricatural, de assuntos demasiado complexos para serem ignorados, causando no leitor algum mal-estar ocasional. Por outro lado, mais do que uma contribuição não descola da citação de ideias alheias, sem efectivamente passar da enumeração bibliográfica para uma fase de interpretação. Estas duas notas reflectem as naturais diferenças qualitativas individuais entre investigadores, e não invalidam a excelente relevância científica da obra. É por isso de felicitar os participantes, e muito em especial a organização deste evento. Ao garantir uma publicação muito digna e ao mais alto nível, ela partilhou com outros, neste caso com Portugal, o trabalho dos nossos colegas brasileiros.

ADRIAAN DE MAN

CERQUEIRA, Fábio Vergara, SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.), *Ensaios sobre Plutarco. Leituras latino-americanas*. Pelotas, Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas, 2010. ISBN 9788560696-04-8.

A grande novidade desta publicação está no facto de reunir estudos sobre Plutarco da autoria de académicos exclusivamente sul-americanos

(Argentina, Brasil, Colômbia e México). Alguns dos temas tratados primam pela originalidade da temática investigada. Outros porém voltam a assuntos já abordados, esquecendo todavia bibliografia anteriormente publicada acerca dessas mesmas temáticas. Entre os primeiros, podemos alinhar o caso de Sônia Regina Araújo, que num estudo sobre o contributo de Monteiro Lobato para a cultura brasileira e enquanto difusor da cultura clássica no Brasil (como testemunha o seu fabuloso *Minotauro* escrito no âmbito da série de textos dedicados ao «Sítio do Pica-Pau Amarelo») aqui publica «*Vidas Paralelas de Plutarco em História do Mundo para Crianças de Monteiro Lobato*» (pp. 231-263). Entre os segundos, não podemos deixar de referir «Plutarco e Cleópatra», de Gregory da Silva Balthazar (pp. 293-325). O exemplo mais evidente de omissão bibliográfica neste trabalho será eventualmente o do já clássico trabalho de I. Becher, *Das Bild der Kleopatra in der griechischen und lateinischen Literatur* (Berlim, 1966). Ainda assim, há que reconhecer que a ênfase dada ao papel de Cleópatra enquanto mãe se reveste de alguma originalidade no quadro dos estudos dedicados à última rainha do Egípto.

O volume abre com uma pertinente introdução de J. Lins Brandão (pp. 13-18), na qual se formula a importante ideia de Plutarco ter sido não apenas o «Educador da Europa», mas igualmente o «Educador da América» (pag. 18). E convém assinalar que esta formulação não deriva de um mero «bairrismo» do seu autor, mas por verificar que Plutarco está igualmente presente na formação cultural dos autores sul-americanos, dando evidência disso num nobre testemunho de Machado de Assis.

O conjunto de textos reunidos é suficientemente heterogéneo, assentando-se as temáticas analisadas tanto nas *Vidas* como nos tratados reunidos sob o nome genérico de *Moralia*. Sílvia S. Calosso (pp. 19-36), por exemplo, estuda as problemáticas em torno da alimentação segundo o Queronense, salientando as posições em torno da moderação alimentar defendidas pelo autor de *As virtudes dos animais*. De certo modo, verificamos neste contexto, como noutros de Plutarco, teorias semelhantes e próximas ao cristianismo, de que é exemplo aquilo a que o autor chama de «*hybris* alimentícia», algo semelhante à ideia de «gula» presente nas práticas cristãs. As metáforas alimentares são ainda retomadas por A. Lozano (pp. 265-292) num estudo acerca da concepção plutarquiana de poesia.

Maria Aparecida Silva, conhecida classicista brasileira, dedica-se ao problema do simpósio em Plutarco, designadamente à contextualização do

mesmo na cultura greco-romana, na qual o fenómeno assume o carácter de *topos* cultural (pp. 37-66). A forma como o banquete é tratado por Plutarco leva a A. em questão a sugerir estarmos perante um movimento de preservação cultural, usado igualmente como veículo para uma «recuperação» de Platão e do platonismo, o qual tem uma presença significativa na obra do Queronense.

Os temas egípcios são particularmente caros a Plutarco, como se percebe pela *Vida de António*, mas sobretudo pelo *De Iside et Osiride*, tratado em que o nosso autor se dedica ao mito da principal deusa do panteão egípcio. J. Ordóñez-Burgos propõe um estudo acerca precisamente deste tratado, numa perspectiva teológico-filosófica (pp. 67-94). A partir dessa análise, Plutarco trata o problema das religiões orientais no Helenismo – em particular das egípcias – recuperando quer o sistema teológico quer as questões em torno da magia e dos mistérios e respectivas síncretes (e.g. Ísis/Deméter), para as quais contribui igualmente o neoplatonismo plutarquiano. O pensamento religioso oriental volta a ser chamado à colação por Ricardo Martínez, que aborda o papel do judaísmo na obra de Plutarco (pp. 327-339). Martínez inventaria os passos plutarquianos relativos ao judaísmo, mas a sua análise vai pouco além do que já foi escrito sobre o tema.

Também a música é objecto de análise em dois estudos. O primeiro é da autoria de Fábio V. Cerqueira e estuda a presença da educação musical nas *Vidas* enquanto veículo para o estudo da identidade e tradição cultural grega no Império Romano (pp. 95-147). A pertinência deste estudo está igualmente na articulação que faz com fontes iconográficas. O segundo trabalho acerca da música é da autoria de R. A. da Rocha Jr. e analisa o tratado *Sobre a Música*, defendendo a autoria plutarquiana do mesmo (pp. 179-204).

Devemos salientar com particular satisfação o estudo de Ivana Chialva (pp. 149-178). Trata-se de um trabalho sobre a relação entre «história» e «tragédia», tema caro à historiografia helenística, que ganha particular pertinência no quadro conceptual da biografia. Dada a quantidade de escritos biográficos com particular relevância para os estudos das épocas de cada um dos biografados, é particularmente importante um trabalho deste tipo, uma vez que coloca importantes questões teóricas no domínio da epistemologia histórica da Antiguidade Clássica. Nesta abordagem, Eurípidés, em particular, é reconhecido como uma influência de base na obra de Plutarco. Esta mesma evidência é recuperada por D. Rinaldi, num

outro estudo de tipo *Quellenforschung* acerca da presença do *Hipólito* de Eurípides no *Erótico* de Plutarco (pp. 205-227).

Um diferente alinhamento dos textos, baseado nas temáticas de cada um deles, teria valorizado o volume, dado que há estudos que tratam assuntos afins, mas que se dispersam ao longo da publicação. De igual modo, o leitor sente a falta de índices de passos citados e topoantroponímicos, bem como de uma bibliografia conjunta no final do volume. Estas lacunas não impedem, todavia, que o livro assuma um papel da maior importância no domínio da lusofonia e do quadro dos estudos acerca da Antiguidade Clássica em geral e de Plutarco em particular.

NUNO S. RODRIGUES

CERRO CALDERÓN, Gonzalo del, *Testamento de Augusto. Monumentum Ancyranum*, Madrid, Ediciones Clásicas, Supplementa Mediterranea 12, 2010, 208 pp. ISBN: 978-84-7882-705-3.

A obra que me proponho recensear versa sobre um texto fundamental para todos os que estudam a Roma antiga, em qualquer área de investigação. De facto, as *Res Gestae Diui Augusti* constituem uma sistematização ideológica e terminológica do Principado, que permite perscrutar as intenções e as estratégias do seu fundador. O texto original parece ter ocupado o lugar de um epitáfio, que, dada a dimensão histórica da personalidade em causa e da sua actuação, resultou na mais extensa inscrição arqueológica conhecida, como o Professor del Cerro salienta logo nas primeiras páginas do seu trabalho.

Trata-se de uma edição rigorosa e acurada, que coloca a par a versão latina e a versão grega, e que, recorrendo aos vários tipos de caracteres digitais, permite ao leitor ter a noção permanente da parte do texto que é colhida na fonte principal, o *monumentum Ancyranum*, e daquela que provém das duas fontes secundárias, o *monumentum Antiochenum* para o latim e o *monumentum Apolloniense* para o grego. A bibliografia é completa e, ao mesmo tempo, selectiva, na medida em que se centra nas *Res Gestae*, sem derivar para os muitos títulos que um texto tão rico pode aconselhar. Igualmente sucintas são a introdução ao texto e ao seu autor, e as notas de rodapé à tradução. O comentário mais alargado é reservado para a segunda parte da obra, em que se faz uma análise minuciosa das palavras de Augusto,